

# NOVIDADE

ISBN: 978-84-9871-296-4

TITULO: **A ILHA DOS CARANGUEJOS-VIOLINISTAS**

AUTOR: **Xavier Queipo // Jesús Cisneros**

EDITORIA: **editora OQO**

COLECÇÃO: Q

LUGAR, DATA E Nº DE EDIÇÃO: Pontevedra, maio 11, 1ª

PÁGINAS: 48

ENCADERNADO: Capa dura

TAMAÑO: 22X28

PREÇO C/IVE: 14,90€

TEMÁTICA: infantil

IDIOMAS: galego, castellano, francês

**OOO**  
editora



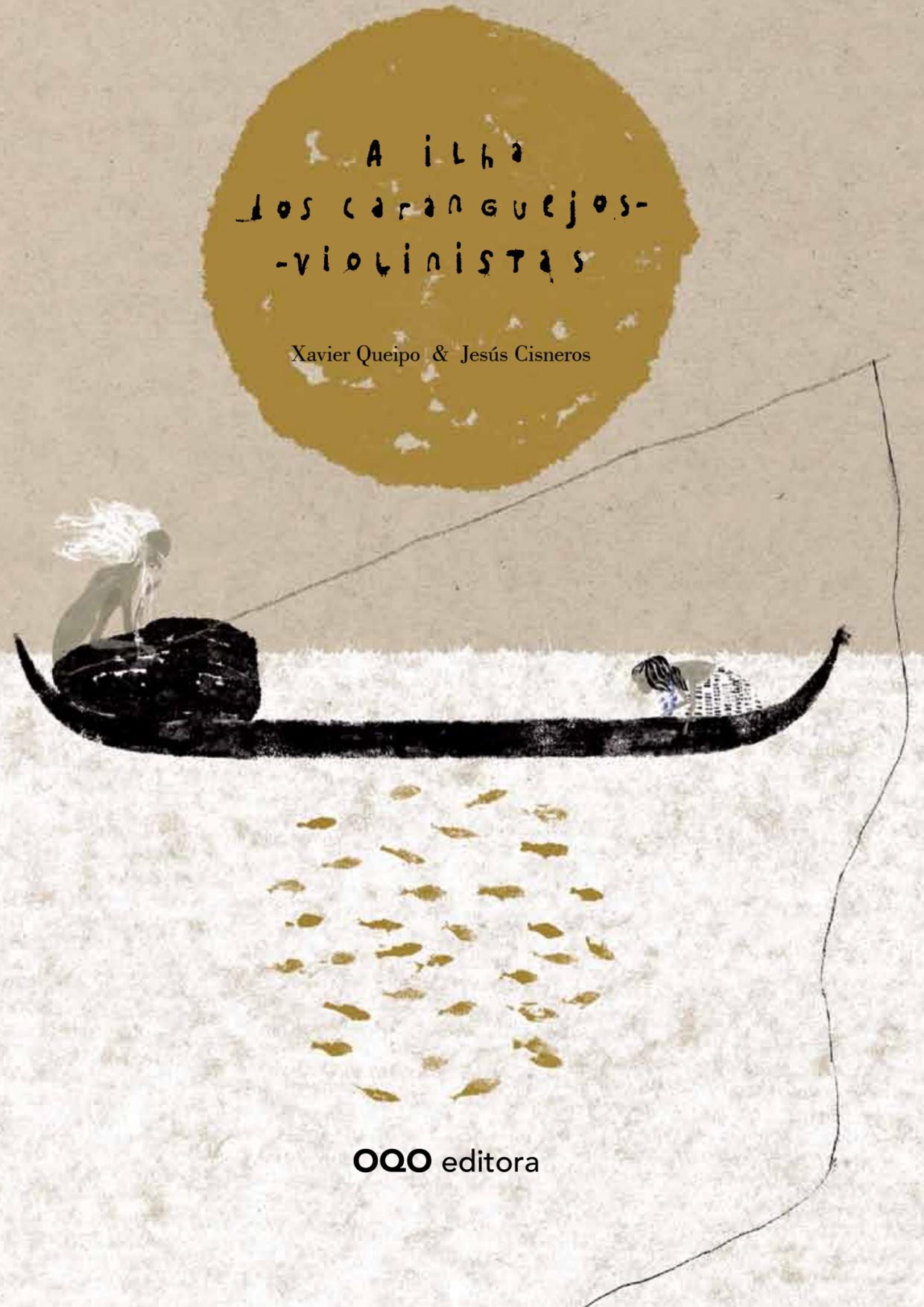
Q

A ilha dos caranguejos-violinistas

Q

A ilha  
dos caranguejos-  
-violinistas

Xavier Queipo & Jesús Cisneros



**OOO** editora





Edição original: OQO editora

© do texto | Xavier Queipo 2009  
© das ilustrações | Jesús Cisneros 2009  
© da tradução do galego | Elisabete Ramos 2011  
© desta edição | OQO editora 2011

Alemaña 72 | 36162 Pontevedra, Espanha  
T + 34 986 109 270 | F + 34 986 109 356  
portugal@OQO.es | www.OQO.es

Design | Oqomania  
Impressão | Tilgráfica

Primeira edição | maio 2011  
ISBN | 978-84-9871-296-4  
DL | PO 178-2011

Reservados todos os direitos

# A ILHA DOS CARANGUEJOS- -VIOLINISTAS



texto de **Xavier Queipo**

ilustrações de **Jesús Cisneros**

**OQO** editora



Há muitos anos, numa ilha perdida das Caraíbas,  
havia uma aldeia onde as mulheres cultivavam a horta  
e os homens andavam no mar.

Viviam em cabanas de folhas de coqueiro entrelaçadas,  
levantadas sobre estacas sólidas  
para não entrar lá a água da chuva,  
que chegava em aluvião.

Numa dessas casas vivia Moi,  
uma rapariga muito viva que brincava sempre sozinha  
porque na aldeia não havia mais crianças.

O pai dela saía de manhã  
para ir pescar maragotas, carapaus e bicudas.

A mãe cultivava iúca e inhame,  
e à tarde moía mandioca.

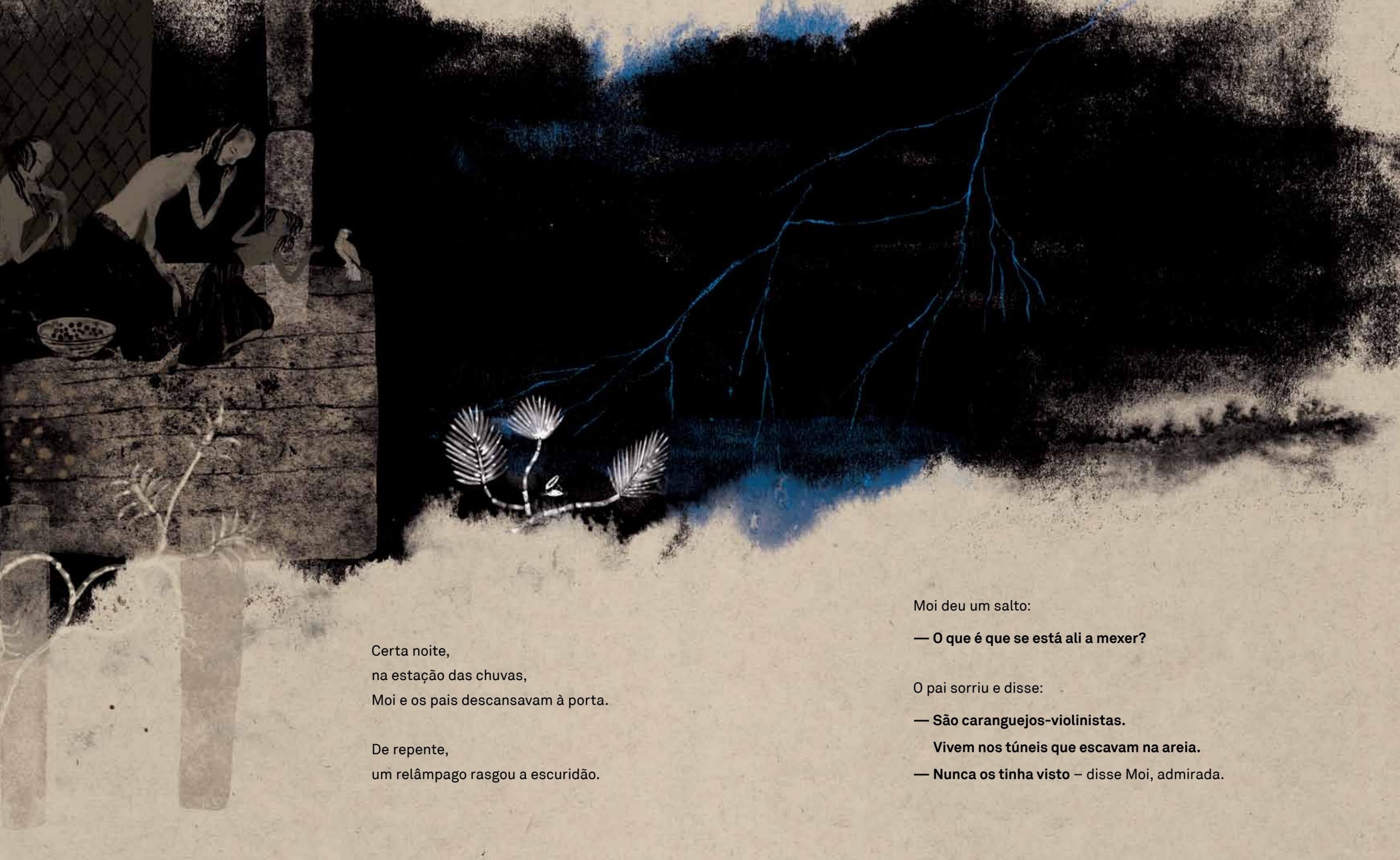




Um dia,  
brincando entre as estacas de sua casa,  
Moi descobriu um buraco.

Aproximou-se devagarinho  
e começou a esgaravatar com um pau  
para ver se aparecia algum animal.

Conforme passavam os dias,  
o número de buracos aumentava,  
enquanto Moi mexia e remexia com o pau.



Certa noite,  
na estação das chuvas,  
Moi e os pais descansavam à porta.

De repente,  
um relâmpago rasgou a escuridão.

Moi deu um salto:

— **O que é que se está ali a mexer?**

O pai sorriu e disse:

— **São caranguejos-violinistas.**

**Vivem nos túneis que escavam na areia.**

— **Nunca os tinha visto** – disse Moi, admirada.



— De dia, como está calor, estão escondidos;  
à noite saem para comer e vêm pela praia acima.  
Este ano há mais do que nunca – disse o pai.

— Porque é que lhes chamam violinistas?

— Porque o primeiro homem que chegou à ilha tocava violino  
e mexia-se como fazem os caranguejos com as pinças.

— E o que é que comem?

— Comem flores: hibiscos, jasmíns...

Pouco depois, Moi já dormia como um bebé,  
e a mãe deitou-a sobre uma esteira de folhas.

Na manhã seguinte,  
Moi foi procurar flores em redor da casa.

Então ouviu a mãe.

— **Moi!... Onde estás?**

— **Estou a apanhar flores.**

— **Então vem tomar o pequeno-almoço.**

Moi deixou duas flores de hibisco junto de cada buraco,  
na esperança de que os caranguejos aparecessem.

Depois de tomar o pequeno-almoço, voltou às estacas:  
as flores tinham desaparecido,  
mas dos caranguejos nem rasto.

Moi passou horas de vigia.



Cansada de esperar pelos caranguejos,  
foi falar com o avô, um dos sábios do povoado.

— **Tem paciência** – disse o avô.

**Repara no vento que, com a sua calma, faz sossegar o mar.**

**Os túneis dos caranguejos-violinistas chegam até à beira-mar.**

**Com a pinça grande, os caranguejos protegem-se**

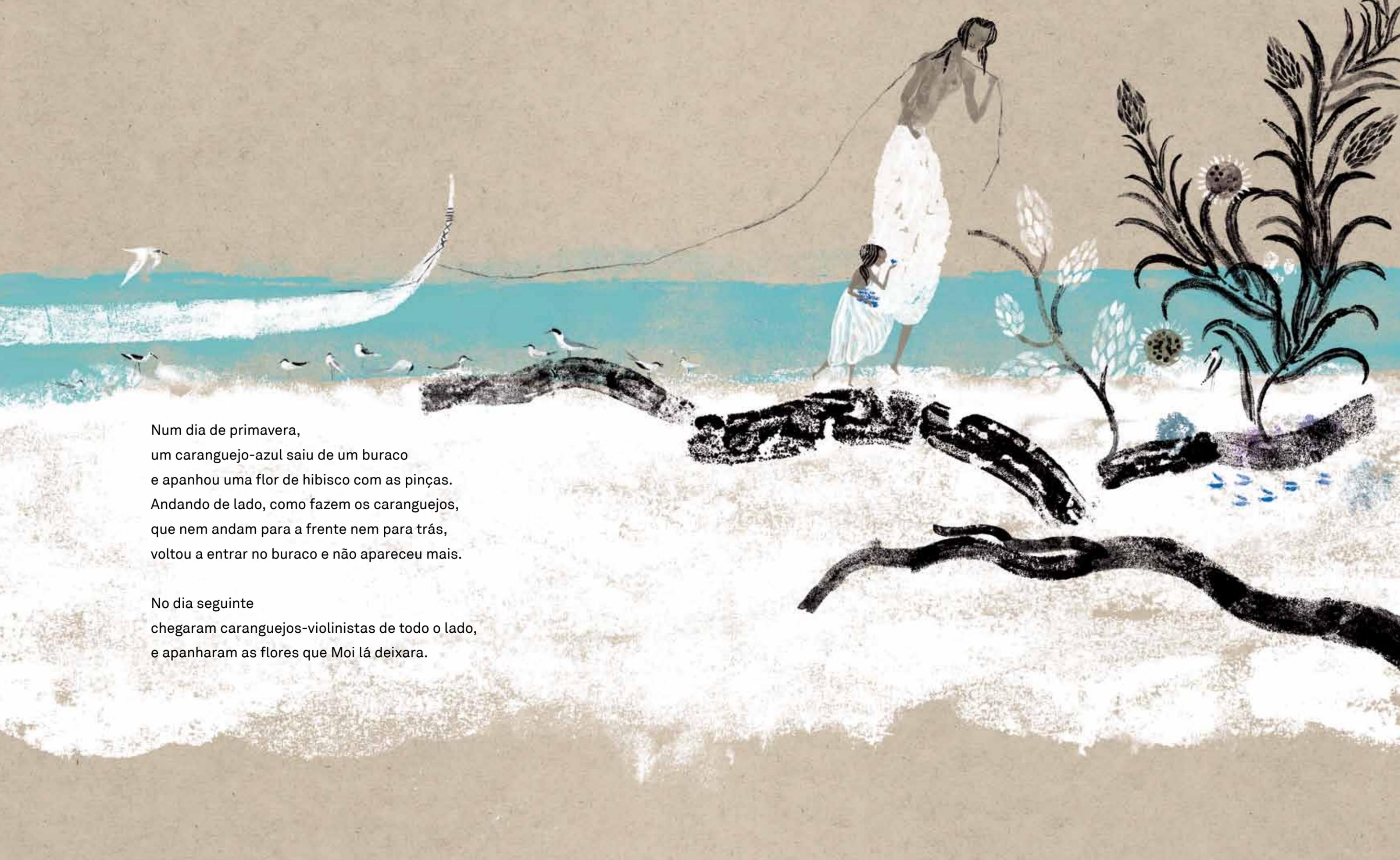
**quando a enxurrada assola as galerias;**

**com a pequena levam a comida à boca.**

**Eles sabem que lhes levas comida, mas têm medo,**

**como muitos pequenos frente aos grandes.**





Num dia de primavera,  
um caranguejo-azul saiu de um buraco  
e apanhou uma flor de hibisco com as pinças.  
Andando de lado, como fazem os caranguejos,  
que nem andam para a frente nem para trás,  
voltou a entrar no buraco e não apareceu mais.

No dia seguinte  
chegaram caranguejos-violinistas de todo o lado,  
e apanharam as flores que Moi lá deixara.



Moi correu para junto do avô, que lhe afagou o cabelo:

— A tua paciência foi recompensada.

— Ontem saiu um, mas hoje vieram todos por causa da comida...

— É que esta noite falaram entre eles.

— Falaram? – surpreendeu-se Moi.

— Falar, falar, como tu e eu, não.

Os caranguejos, tal como os golfinhos e as abelhas,  
as galinhas e as rãs, têm a sua forma de se entender.

— E qual é? Eu nunca os ouvi dizer nada...

— Moi, os avós não têm resposta para tudo.

Sabemos coisas que vimos

ou ouvimos dos nossos avós, mas o mundo muda...

Os mais novos devem procurar o que nós não sabemos.

Espera e espreita, e encontrarás a resposta.

No dia seguinte  
Moi decidiu esconder-se para espreitar.  
Assim, soube que os caranguejos *falavam*  
abrindo e fechando as pinças com rapidez:  
a grande, que lhes protegia a cara,  
roçava na pequena e soava como um violino.



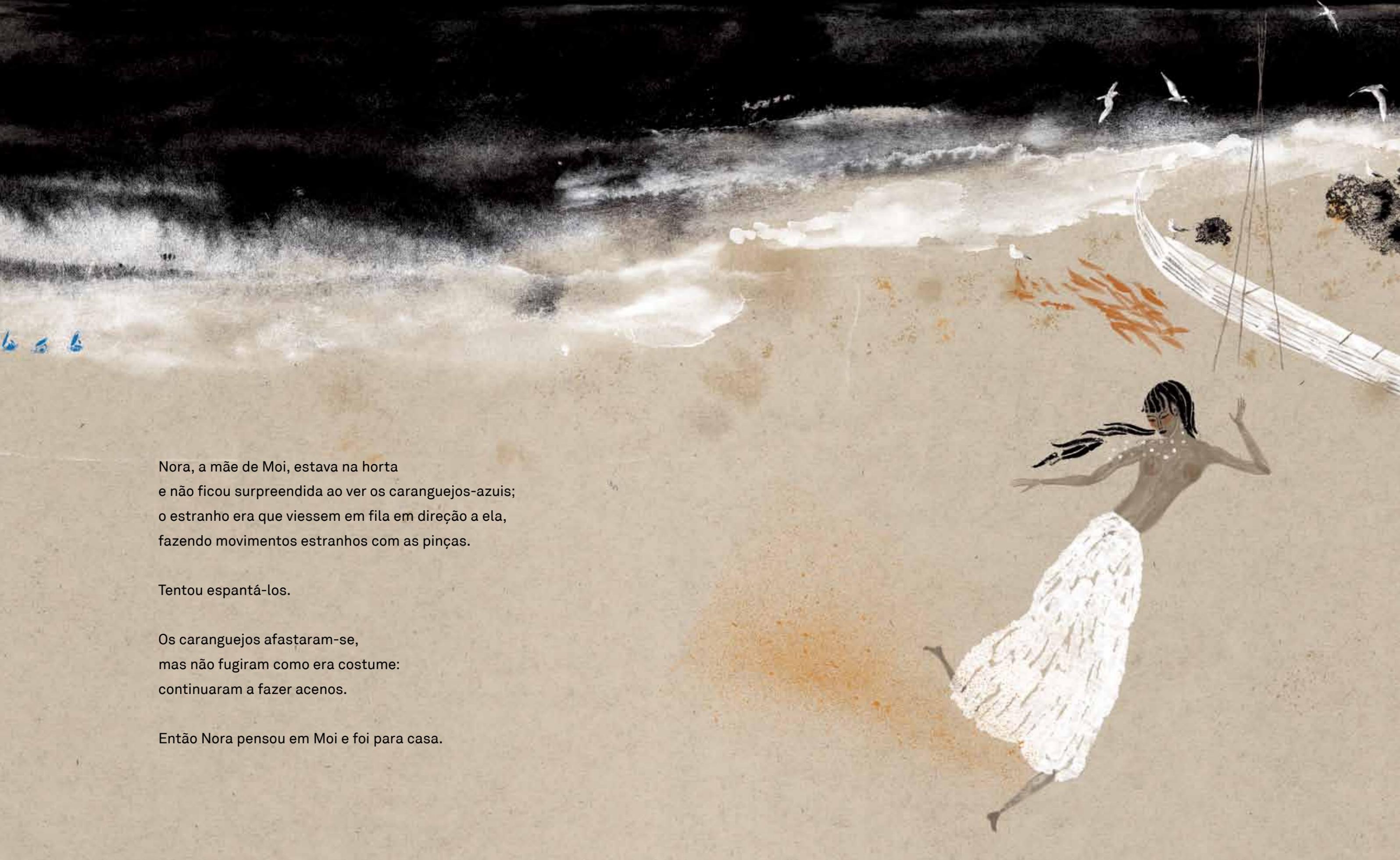
Um dia, enquanto Moi espreitava,  
os caranguejos desapareceram como raios pelos buracos dentro.

Nesse momento Moi sentiu uma picada num tornozelo  
e viu uma cobra a fugir;  
depois, ficou tonta e perdeu os sentidos.

Os caranguejos beliscaram-na com as pinças  
nos dedos, nas faces e nas coxas  
para ver se ela acordava;  
mas Moi não reagia.

Então trocaram sinais,  
movimentando as pinças,  
e andaram em todas as direções  
a grande velocidade.





Nora, a mãe de Moi, estava na horta  
e não ficou surpreendida ao ver os caranguejos-azuis;  
o estranho era que viessem em fila em direção a ela,  
fazendo movimentos estranhos com as pinças.

Tentou espantá-los.

Os caranguejos afastaram-se,  
mas não fugiram como era costume:  
continuaram a fazer acenos.

Então Nora pensou em Moi e foi para casa.

An illustration in a folk-art style. A woman with long black hair, wearing a white dress, is running across a sandy beach from right to left. She is followed by a large crab on a log, also moving from right to left. The background is a simple, light brown sky and a white beach. The crab is dark brown with white spots. The log is a thick, brown brushstroke. The woman's dress is white with a black sash. The overall style is minimalist and expressive.

Os caranguejos tentaram segui-la,  
andando de lado, com as pinças levantadas;  
mas depressa ficaram para trás.

Quando a mãe chegou,  
Moi tinha os lábios roxos  
e sacudia-se com calafrios.

Nora assustou-se e pediu ajuda.



Não tardou a chegar o avô com outros dois anciãos.

Descobriram que Moi tinha uma picada de cobra  
e, pelas marcas dos dentes,  
também souberam que tipo de cobra tinha sido.

Depressa foram apanhar ervas  
e preparar emplastos e infusões para o veneno;  
os sábios conheciam bem as plantas da ilha.



Dois dias depois,  
Moi já andava a apanhar flores de hibisco  
para os caranguejos-azuis.

Então, os velhos da aldeia reuniram-se  
e tomaram uma decisão:

*Os caranguejos-azuis  
seriam tratados como amigos  
e ninguém lhes devia fazer mal.*



Se não encontrarem nos mapas  
a ilha dos caranguejos-violinistas,  
não se preocupem:  
há tantos hibiscos e tantos caranguejos-azuis  
que não se sabe onde acaba a terra  
e onde começa o mar.

Há quem negue a sua existência;  
outros asseguram ter ouvido  
a lenda de uma ilha azul  
que se desloca de lado,  
como os caranguejos.



